

**SEMELHANÇAS ENTRE AS PEÇAS *PAIOL VELHO* E *A MORATÓRIA***

Gabriela ÜBER

Orientadora: Larissa de Oliveira Neves Catalão

**RESUMO:** Este ensaio visa à comparação das obras de dois dramaturgos cujas peças foram escritas na mesma cidade, São Paulo, e aproximadamente na mesma época: Jorge Andrade (1922-1984) e Abílio Pereira de Almeida (1906-1977). As peças enfocadas são: **A Moratória** (1954), do primeiro; **Paiol Velho** (1951), do segundo. Os dois autores pertencem à elite paulista e trabalham com a ideia de “paulista de 400 anos”, isto é, com as famílias aristocráticas que fundaram a cidade de São Paulo. Em suas peças, abordam temas como: a decadência da aristocracia rural paulista e a ascensão da burguesia; a presença do imigrante no meio social paulista e o preconceito perante ele; a importância da família, do nome; dentre outros. Ambas as obras sustentam-se em experiências vivenciadas pelos dramaturgos dentro de seu meio social.

**Palavras-chave:** teatro paulista; literatura comparada; Abílio Pereira de Almeida; Jorge Andrade.

**DOIS AUTORES DE DESTAQUE**

Abílio Pereira de Almeida (1906-1977) e Jorge Andrade (1922-1984) são autores praticamente contemporâneos e fizeram teatro no mesmo local, São Paulo, para um mesmo público, notando-se muitos pontos de contato entre suas obras. Elas apresentam, como temática, um painel da sociedade paulista da época, aliada à história de São Paulo. Várias peças exploram o tema da passagem do meio rural para o urbano e a posterior industrialização do estado, além da consolidação da burguesia e da classe média enquanto classes sociais. Apesar de estilos teatrais diferentes, Jorge Andrade com peças de cunho literário, mais reflexivas, e Abílio Pereira de Almeida com comédias simples e diretas, ambos preocupam-se com os problemas de seu meio social e mesclam experiências da própria vivência com o fazer teatral. Os dois autores conseguiram, com suas obras, uma identificação com sua época e seu país, alcançando, de acordo com o teórico Jean-Jacques Roubine, um dos objetivos fundamentais do teatro:

O drama deve ser um quadro do século, uma vez que os caracteres, as virtudes, os vícios são essencialmente aqueles do dia e do país.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> ROUBINE, Jean-Jacques. Introdução às grandes teorias do teatro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.67.

## PAIOLVELHO

**Paiol Velho**, de Abílio Pereira de Almeida, foi encenado pela primeira vez em 1951, no TBC<sup>2</sup>, com direção de Ziembinski e aclamada atuação de Cacilda Becker, e obteve grande sucesso de público e crítica. A ação se passa em uma fazenda cafeeira de nome Paiol Velho, com uma separação de três meses entre cada um dos três atos. A peça inicia-se com Tônico, administrador da fazenda, e sua esposa Lina em seus hábitos matinais, quando são avisados que os donos da fazenda, Mariana e seu filho João Carlos, há anos residindo na cidade, estão chegando. O motivo da visita inesperada consiste na desconfiança de que Tônico esteja desviando parte do lucro obtido com a venda das safras da fazenda para si – o que é verdade. No diálogo com sua mulher, Tônico se justifica:

Tônico: Roubado mesmo. Mas roubando do que é meu. Quem não trabalha não ganha. Isso é que é direito. A terra só devolve; quem não dá não recebe.

Lina: (...) dinheiro roubado não dá sorte.

Tônico: O meu não é roubado. Roubado é o deles, que sempre viveram à custa do trabalho dos outros. Meu pai morreu pobre, sem um tostão. Tive que largar os estudos e vir pegar no pesado para poder comer. Enquanto isso eles gastavam na Europa.<sup>3</sup>

Tônico considera ter direitos de dono sobre a fazenda, por tê-la administrado durante muitos anos, enquanto os verdadeiros donos se aproveitavam dos lucros em vida luxuosa na cidade. Somente quando desconfiam de que estão sendo roubados, resolvem visitar suas terras e assumir o controle: Mariana convence João Carlos a permanecer na fazenda e aprender a administrá-la, a fim de tentar extrair o maior lucro possível das terras. Sem os conhecimentos necessários para cuidar da fazenda, além de não conseguir se acostumar com o trabalho no campo, logo o moço da cidade desiste e se entrega às jogatinas da cidadezinha, deixando novamente as terras aos cuidados de Tônico e se afundando em dívidas. Enquanto isso, este apenas espera que o jovem se perca completamente para conseguir finalmente ter a fazenda para si, no que é recriminado principalmente por sua mulher. Ele deseja oficializar aquilo que já considera seu:

Tônico: (...) No papel ela não é minha. Mas de justiça é. Meu pai tomou conta dela durante 30 anos. Eu nasci aqui. Trabalho aqui. Vou morrer nesta terra. Ela é minha de coração... E vai ser minha, no duro, com tabelião e tudo...<sup>4</sup>

Mariana, porém, também julga ter direito sobre às terras, um direito adquirido por herança, e considera Tônico criminoso. Para ela, a fazenda sempre pertencera à família e não tem valor apenas como fonte de renda, mas também apresenta um valor sentimental, já que sua história se vincula à trajetória de vida de gerações de sua família. Mariana quer

---

<sup>2</sup> O Teatro Brasileiro de Comédia, criado em São Paulo, em 1948 (estreado com o monólogo francês **A Voz Humana** de Jean Cocteau e com a peça **A Mulher do Próximo** de Abílio Pereira de Almeida) foi uma das companhias teatrais mais importantes para o estabelecimento e a consolidação de um teatro moderno no Brasil. O TBC foi importante na história do teatro do estado de São Paulo por colocar em cena textos de qualidade juntamente com boas montagens e interpretações.

<sup>3</sup> ALMEIDA, Abílio Pereira de. **Paiol Velho** in **O Teatro de Abílio Pereira de Almeida**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009, p.5.

<sup>4</sup> Idem, p.54.

que seu filho seja herdeiro da fazenda e trabalhe nela, mas não lhe ensinou nem a ter amor pelo campo, nem a trabalhar no campo. Ela fala da importância da terra:

Mariana: Meu filho, seja como for, a fazenda agora é sua. É a única coisa que lhe resta. Uma fazenda velha e endividada. Mas a terra é boa, isso é o essencial. Está nas suas mãos reerguer o que é seu. [...] Terra, meu filho, é sempre terra. Eles passam por cima, mas não levam. Era seu avô que dizia sempre isso. Terra, por mais caro que se venda, é sempre um mau negócio. Por mais caro que se compre, é sempre um bom negócio.<sup>5</sup>

Ao final, Tonico consegue o que almejava, a fazenda, através de um contrato que João Carlos assinara, para pagar dívidas. Todavia, ele morre no momento da comemoração da posse. Descobre-se também no final da peça que sua esposa, Lina, está grávida de João Carlos. Esta personagem, Lina, faz com que a peça acabe com enorme sentimento de desolação, quando se percebe que mesmo a esposa de Tonico não estava ao seu lado e era fascinada pelos aristocratas, relacionando-se com João Carlos após já ter sido também amante do pai deste. Note seu pensamento final:

João Carlos: Adeus Lina. Agora o Paiol Velho é seu. Ninguém o tirará de você. (...) Se for homem... ensine-o a amar esta terra... Vale a pena... a mim nunca ensinaram... (e sai) [...]  
Lina: Paiol Velho... Não... não é meu... ela disse que sempre pertenceu à família deles. (Olhando e pondo a mão no ventre) E vai continuar na família deles...<sup>6</sup>

Na figura de Lina podemos observar claramente o quanto pertencer a uma família paulista tradicional era considerado importante na época, independentemente de ter dinheiro ou não. Ela julgava João Carlos superior ao seu marido, sentindo até nojo deste, que sempre trabalhara de sol a sol e desejava para si apenas o que achava justo; já João Carlos, que desde a chegada na fazenda só cometera erros e passava o dia de vadiagem, era idolatrado por ela. Quando fica grávida, revela a Bastiana que não tem mais relações sexuais com o marido há tempo:

Lina: Há muito tempo que ele não tem nada comigo... Mais nada... [...]  
Bastiana: (...) Eu não gosto de entrar na vida dos outros, mas se eu fosse a senhora... Não sei... eu achava bom a senhora dar um jeito com o seu Tonico... (Lina vira-se para Bastiana, querendo compreender) É isso mesmo. É só para fazer confusão. Ficava resolvido...  
Lina: Isso nunca! Você sabe, Bastiana, tenho nojo do Tonico!<sup>7</sup>

Apesar de Tonico se sentir injustiçado com o tratamento dispensado a ele pelos donos da fazenda, os aristocratas, os “paulistas de 400 anos”, ele, para com seus empregados, age da mesma maneira, com arrogância, mostrando ser superior, muitas vezes sendo grosseiro, como podemos ver pelos diálogos que entretém com Bastiana e Lourenço.

Além disso, há na peça bem clara a função da mulher e do homem na sociedade, quando vemos a mulher como dona de casa enquanto o homem trabalha no campo. No entanto, há uma crítica ao machismo, por ser Lina uma esposa que busca, a seu modo e dentro de suas possibilidades, reagir contra a opressão de seu marido. A opressão masculina

---

<sup>5</sup> Ibidem, pp.80, 81.

<sup>6</sup> Ibidem, p.48.

<sup>7</sup> Ibidem, pp.99, 100.

aparece no modo como os homens faltam com o respeitam e não levam em consideração as vontades da mulher. Lina se casou com Tônico após ter sido seduzida pelo pai de João Carlos, que arranhou o casamento em troca de oferecer um bom emprego a Tônico, como administrador da fazenda. Tônico culpa a esposa por eles não terem tido filhos; João Carlos não se importa com as consequências de se relacionar com a mulher do seu funcionário, agindo unicamente por instinto, sem amá-la ou se importar com ela. Apesar disso, Lina demonstra ser uma mulher forte e voluntariosa, que não se deixa controlar pelo marido – recusa-se a ter relações com ele, não aceita bebida alcoólica quando ele lhe manda beber e nem mesmo quer levantar da cama para preparar o café:

Lina: então não me amole. Vá s'embora. Me deixa dormir.<sup>8</sup>

O discurso presente na peça é diferenciado, de acordo com o falante: os cidadãos com o falar mais de acordo com as normas gramaticais, e os que residem na fazenda com o falar permeado pelo “linguajar da roça”. Porém, como um todo, os diálogos são coloquiais e simples. Tônico e Lina são caracterizados como pessoas simples, com gestos grosseiros e expansivos. Os personagens não apresentam aprofundamento psicológico, sendo quase tipificados. Os detalhes surgem mais nas rubricas, que detalham suas características físicas e trejeitos, do que nas falas.

## AMORATÓRIA

**A Moratória**, de Jorge Andrade, estreou em 1955, no Teatro Maria da Costa, no mesmo ano em que **Santa Marta Fabril S.A.**, peça de Abílio Pereira de Almeida, estava em cartaz no TBC. Também obteve grande sucesso de crítica e público, tornando o autor, então estreante, reconhecido imediatamente no meio teatral. Além de colocar em cena um setor importante da sociedade paulista e de ser elogiado pela preocupação histórica com o país, o autor também se destacou pela forma teatral criada para a peça. *A Moratória* se passa em dois planos simultâneos, um ambientado no ano de 1929, e o outro três anos depois. Dessa forma, o autor entrelaça o enredo entre passado e futuro, cruzando inclusive os diálogos, que contrastam e se complementam, formando uma estrutura coesa que até hoje surpreende o leitor/espectador.

O primeiro plano se passa numa casa pequena, situada numa cidadezinha próxima à antiga fazenda onde seus moradores viviam três anos antes, e o segundo na casa da fazenda, com alguns móveis e objetos comuns nos dois cenários. O enredo, se contado de maneira linear, apresenta uma família que perde sua fazenda durante a crise de 29 e precisa, assim, sair das terras que pertenciam à família há gerações. Todos ficam inconformados com a situação, principalmente Joaquim, o pai:

---

<sup>8</sup> Ibidem, p.55.

Joaquim: meus direitos sobre essas terras não dependem de dívidas. Nasci e fui criado aqui. Aqui nasceram meus filhos. Aqui viveram e morreram meus pais. Isto é mais do que uma simples propriedade. É meu sangue! Não podem me fazer isso!<sup>9</sup>

Joaquim só aceita sair da fazenda porque tem esperança de que a situação possa se reverter de alguma maneira. Porém, no segundo plano ocorre a perda definitiva do processo judicial que permitiria a Joaquim reaver sua fazenda, e o fim da ilusão de recuperação da mesma.

A transformação dos personagens de um plano para o outro é enorme, principalmente de Joaquim e de sua filha Lucília. Ele costumava acordar cedo e trabalhar o dia todo, sempre bem disposto, impondo sobre os outros sua personalidade forte e autoritária, de “coronel” e patriarca. Após três anos, parece ter envelhecido mais de dez, apresentando-se fraco e ocioso no primeiro plano, por não ter encontrado uma ocupação na cidade – sem emprego, a casa passa a ser sustentada por Lucília e Joaquim perde sua posição senhorial, de provedor. Agora, é Lucília quem arca com as despesas da família, não podendo mais viver de forma livre:

Lucília: A minha vida é esta. São duas coisas que não se misturam. Sou responsável também pela carga.

Joaquim: Carga?

Lucília: Minhas obrigações.

Joaquim: (Violento) Então, eu e sua mãe somos carga?

Lucília: Não foi isso que eu quis dizer. Não faça as coisas mais difíceis, papai.

Joaquim: (Abaixa a cabeça) A verdade é que você tem razão.<sup>10</sup>

Com Lucília a transformação é ainda maior: primeiro uma mocinha casadoura, alegre, preocupada com vestidos e em namorar; depois, abdica de seu noivado e começa a costurar para sustentar toda a família, assumindo uma postura orgulhosa e ressentida. Seu irmão, Marcelo, que na fazenda era acostumado com um modo de vida livre e sem obrigações, três anos depois passa as noites na rua bebendo e troca de emprego frequentemente. Sem conseguir permanecer empregado, acaba sendo também um estorvo para a irmã. Helena, a mãe, é a que menos muda, permanecendo sempre preocupada com a família e, se antes rezava em sua casa, depois criou o hábito de fazer visitas frequentes a igreja. Consegue, portanto, de certa, maneira, transferir seu modo de vida para a cidade.

## COMPARAÇÃO

Em ambas as peças destacam-se: a importância do ambiente rural, o pano de fundo histórico da crise cafeeira, a questão da importância do nome para os paulistas de 400 anos e o orgulho destes, que prevalece em relação à preocupação com a terra como fonte de renda e trabalho, além do conflito de gerações. Vale ressaltar que a peça de Abílio foi representada quatro anos antes da de Jorge, tendo sido então o primeiro autor a tratar deste tema, mas apenas o segundo inovou formalmente, criando os planos simultâneos e o cruzamento de diálogos entre um e outro.

---

<sup>9</sup> ANDRADE, Jorge. *A Moratória* in *A Marta, a árvore, e o relógio*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p.166.

<sup>10</sup> Idem, p.130.

**Paiol Velho** destaca-se da maioria das peças de Abílio porque trata de uma temática eminentemente rural, embora faça um paralelo com a cidade por meio das personagens; enquanto suas comédias, em geral, retratam a aristocracia paulista urbana, satirizando-a. Esta peça, além de se passar no ambiente rural, apresenta personagens importantes que não fazem parte da elite aristocrata, e sua relação conflituosa com esta.

Antonio Fester traçou algumas relações entre **Paiol Velho** e as peças de Jorge Andrade:

(...) a peça está próxima mesmo é das obras de Jorge Andrade: **A Moratória**, **O Telescópio** e **Os Ossos do Barão**. Da última, pela síntese entre patrão e empregado, através do casamento ou da união sexual. Das duas primeiras, pela propriedade perdida ou desmembrada, respectivamente. Marcelo (**A Moratória**) e Sebastião (**O Telescópio**) primam pela inaptidão para o trabalho, como João Carlos em *Paiol Velho*. E em todas a mulher aparece como elemento forte.<sup>11</sup>

Fester comenta a semelhança entre Marcelo e João Carlos, dois personagens filhos de fazendeiros, acostumados a ter tudo que desejam e que, num momento de cobrança de atitude, culpam os pais por não terem lhes ensinado a lidar com problemas, ambos sucumbindo ao jogo e à bebida.

Marcelo: Reconheço, sou um fraco. Não assumi a responsabilidade. E o senhor? O senhor que só pensa na sua fazenda, no seu processo, nos seus direitos, no seu nome. Enquanto pensa em si mesmo, na sua honra, não pode sentir o que sinto. O senhor não sai à rua para saber o que pensamos de nós. O senhor finge não perceber que não fazemos mais parte de nada, que o nosso mundo está irremediavelmente destruído.<sup>12</sup>

João Carlos não consegue se adaptar à vida na fazenda e ao trabalho:

João Carlos: Vou voltar para São Paulo, fracassei.

Lina: Não largue o Paiol Velho que você perde ele.

João Carlos: Que me importa. Não dou mesmo para isso.

Lina: E você fica sem nada?

João Carlos: Do que adianta isso aqui? Não dá nada. Há três meses que estou aqui nessa vida.

Mofando. (...) <sup>13</sup>

Outro aspecto em comum entre **Paiol Velho** e **A Moratória** consiste no final marcado pela desilusão, após um desenvolvimento de enredo em que as personagens principais, Tônico e Joaquim, vivem da esperança. Na primeira, Tônico morre assim que consegue o que desejava, sem sequer ter oportunidade de usufruir da terra, que voltará às mãos da antiga família, já que Lina está grávida de João Carlos; na segunda ocorre a perda definitiva da fazenda e a certeza de permanência da família na cidade, fazendo com que Joaquim sucumba:

---

<sup>11</sup> FESTER, Antônio Carlos Ribeiro. **Em Moral Corrente no País: estudos sobre o teatro de Abílio Pereira de Almeida**. Tese de mestrado (FFLCH/USP), 1985, p.226.

<sup>12</sup> **Op. Cit.**, pp.160, 161.

<sup>13</sup> **Op. Cit.**, pp.89, 90.

Lucília: (avança na direção do pai) Não! Isso não! Papai! Proteste, grite, fale alguma coisa. Não fique assim! Não fique assim, pelo amor de Deus! [...] Não quero ver meu pai assim. Não quero, não quero. Deve haver um jeito. Olímpio! Diga que há. Minta. É preciso que você minta!<sup>14</sup>

Por fim, vale ressaltar que apesar de ambas as peças retratarem o mesmo ambiente, as fazendas paulistas, e a mesma crise social e econômica, a crise cafeeira de 1929 e a decadência da aristocracia rural, em **Paiol Velho** percebe-se o ponto de vista da classe mais baixa, dos imigrantes, enquanto em **A Moratória** a ênfase está junto da aristocracia decadente. Comparando as duas peças e lendo-as em conjunto, podemos ver as duas faces de uma mesma moeda, ver os efeitos da ascensão burguesa e da queda da aristocracia através da opinião e atitude dessas duas classes, pois estão retratadas as opiniões de ambas as classes e o que cada uma acha que é justo – como vemos no fato de Tônico e Mariana acharem que têm direito sobre a fazenda, cada um por seus próprios argumentos.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Jorge (1986). **A Moratória in Marta, a árvore e o relógio**, Perspectiva, São Paulo.

ALMEIDA, Abílio Pereira de (2009). **Paiol Velho in O teatro de Abílio Pereira de Almeida**, Imprensa Oficial, São Paulo.

FESTER, Antônio Carlos Ribeiro (1985). **Em Moral Corrente no País: estudos sobre o teatro de Abílio Pereira de Almeida**, Tese de mestrado (FFLCH/USP).

ROUBINE, Jean-Jacques (2003). **Introdução às grandes teorias do teatro**, Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

---

<sup>14</sup> Op. Cit., p.186.